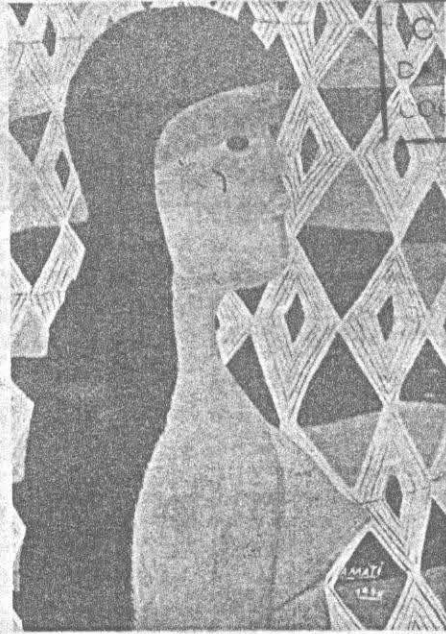


CEDI - P. I. B.  
DATA 14/03/88  
000 OPD 16



## Índio exilado em São Paulo pinta e conta a história do Parque do Xingu

# O PINTOR AMATI

Amati é um Trumai de quase 30 anos, os 15 primeiros vividos sem nenhum contato com brancos. Seu mundo era o Xingu: as danças com o pal, cacique da tribo, convidado, com as honrarias tradicionais, para homenagear os mortos do Quarup, mostrar boa pontaria no Jawaré e tocar o Jacui, a flauta sagrada dos chefes.

Um dia veio o sarampo e a vida da tribo mudou. Ele não sabe muito bem quem chegou primeiro, se foi o branco ou o sarampo; só lembra que seu corpo começou a esquentar, ficou vermelho sem usar urucu, e teve que ir para a rede, a cabeça girando, girando, girando, até parar. Quando ela voltou a funcionar e ele acordou, foi um susto de louco que nem a pajelança podia entender: o verde do Xingu tinha ficado todo branco, as estrelas estavam presas ao teto, bem perto da cabeça, e a mulher toda de branco, que vinha na sua direção, falava uma língua nova, incompreensi-

vel, Amati se encolheu, chorou muito, chamou seu pai e não apareceu ninguém. O tempo conseguiu acalmá-lo e trouxe muitas novidades.

Sua saúde melhorou. Ele já sabia muitas palavras da língua nova e acabou conhecendo pessoalmente o Orlando. Já ouvira falar nele, na sua região. Amati já estava se acostumando com o hospital da Ilha do Governador, quando recebeu alta e voltou para o Xingu. Sua chegada foi confusa. Ficou entre pular de alegria ou chorar a morte de mais da metade da tribo. O sarampo havia obrigado sua tribo a mudar do Gualanum para o Amoni. Nessa nova aldeia ficou sabendo que o Orlando, logo que recebeu a notícia da epidemia, levou os doentes para o posto do SPI (o atual posto Leonardo Villasboas) para serem medicados até a doença desaparecer da região.

Dizem que a vida no Xingu volta à calma muito rapidamente. As tribos da região, os kamaiurás, os kalapajos, acabaram se esquecendo do

sarampo, das rixas e aos poucos foram se aproximando do posto. Os Sulás até pararam de brigar com os Trumai por causa do urucu e das mulheres. Nessa época, Amati (que já estava morando e trabalhando com Orlando, no posto) conversou com seu pai e a tribo mudou-se para mais perto também.

O contato com Orlando transformou Amati. Um dia teve que parar de trabalhar porque sentiu uma dor forte no joelho. Aconselhado pelo pai a procurar um pajé, Amati relutou. E que ele não acreditava mais em pajés e feitiçarias.

“É gozado. Quando eu era mais moço, queria ser pajé. Queria ser pajé, participar do ritual, fumando tabaco e maconha e fazer tantas outras coisas, saber dos mistérios. Mas meu pai não gostou porque eu gostava muito de mulher.”

Mas a dor aumentou, ficou insuportável. Então apareceu um médico, que contou para ele que sua dor não tinha nada de espiritual. Explicou-lhe que a pajelança

não adiantaria nada e a única saída para seu caso era o hospital da cidade. Amati pegou suas coisas, e veio de novo. O tratamento era sério: a tentativa de vencer uma doença dolorosa, o reumatismo, que deformava e paralisava o índio aos poucos.

Foi em 68, no hospital, que Amati começou a pintar, desenhando, com o guache que ganhou de presente. Primeiro eram uns rabiscos, depois, quando pegou jeito no pincel, começou a reproduzir as cenas de sua terra: blechos, cores da mata, rostos de guerreiros amigos, o mundo que estava longe; a selva.

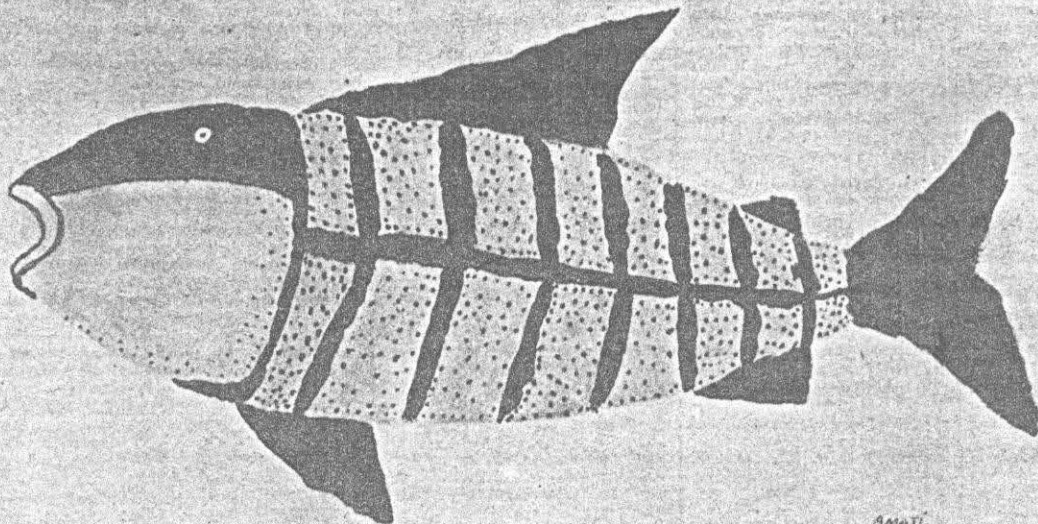
Amati pôde caminhar de novo. Voltou para o Xingu, meio estranho. Como é que branco vive na cidade? Perguntaram seus pais. E Amati caladão. O que é que você fazia lá, Amati? E Amati nada. Só queria saber de deitar na rede e dormir.

Com o tempo aconteceu o inevitável. A doença evoluiu muito e ele voltou para a cidade, para tentar mais uma vez a cura. Suas pernas pararam definitivamente. Ele

só se locomove em cadeira de rodas empurrada por alguém e suas mãos estão deformadas. Faz tempo que não desenha, mas conseguiu, através do Orlando, fazer uma exposição dos seus desenhos no Clube dos Promotores Públicos. Ele gostou muito da exposição. Só achou estranho ter que cortar o cabelo bem curtinho e vestir terno para mostrar suas obras. Mas valeu a pena.

Hoje, Amati pode ser encontrado na enfermaria n.º 2, da Santa Casa de Misericórdia do Jaçanã, SP, aguardando a hora de rever o Xingu. Ele está lá, na sua cadeira, quase todos os dias tendo que explicar pacientemente para os outros doentes que o chamam de “bugre, animal, essas coisas” que “nós, índios, não somos de matar os outros por causa de dinheiro. Nós matamos sempre para defender o lugar. Quando vocês ouvem essas coisas da Transamazônica, vocês falam assim. Mas acho que vocês não compreendem mesmo”.

Dácio Nitrini



AMATI